



Interiores compartilhados: o ser humano entre quatro paredes

Lucas Dalava

A Cia. Improvisória de Teatro, que se apresentou na noite de 22 de junho de 2023, durante a 35ª Semana Luís Antonio Martinez Corrêa, levou ao Palacete das Rosas o espetáculo *Interiores*, que (como os próprios atores explicaram) não voltará a ser representado. O grande trunfo de trabalhos como esse, ou seja, de espetáculos de improviso, é que, a cada nova encenação, novas histórias podem ganhar vida. Assim, seria loucura tentar escrever sugerindo ao meu leitor algo que ele poderá vir a assistir; por isso mesmo, me permito simplesmente escrever um registro daquilo que eu vi e das impressões que a obra me causou.

Naquele palco improvisado, que mostrava sempre a pequena sala de um apartamento, fomos convidados a penetrar a interioridade daquelas personagens. O público ajudou a construir quatro histórias ao escolher não só a configuração dos espaços, como também sugerindo alguns elementos imaginários (e nem por isso menos reais) que serviam para diferenciar uma cena ou um ambiente do outro. Os elementos materiais, compartilhados entre todas as cenas, nos chamavam a atenção para aquilo que era comum entre todas aquelas histórias e comum às nossas próprias vivências, mas foi a partir dos objetos inventados pelo público que a peça ganhou vida: uma samambaia, um aquário, um vibrador... Tudo era possível.

A primeira cena apresentava um pai e sua filha e, se a cena parecia simples, expondo a relação entre uma menina e seu peixinho, o relato rapidamente ganhou peso e desenvoltura quando passou a falar sobre morte, luto e feridas do passado, mas também sobre sonhos e expectativas. A segunda, muito mais bem-humorada, trazia uma avó e sua neta: a primeira, cheia de apetite sexual, se diverte ao descobrir com a neta os aplicativos de relacionamento e o mundo mágico dos brinquedos sexuais. Muito mais do que falar sobre sexo na terceira idade, as atrizes aproveitaram o contraste geracional entre as duas personagens para falar também sobre algumas das inseguranças da juventude. Já a terceira cena, por sua vez, dialogando com os contos de Poe, abordou um relacionamento fadado ao fracasso, no qual um marido sente ciúme de uma samambaia por acreditar que a sua esposa amava mais a planta Marcelina do que ele. Oscilando entre o real e o absurdo, a cena conseguia causar tanto choque, quanto risos. A quarta e última, por sua vez, apresentava um homem e seu Desejo, à medida em que preparava o espaço para receber uma visita que nunca chega. Certamente o mais incômodo dos quadros pela sua forte carga emotiva, houve muita sensibilidade para se falar de assuntos delicados, como a dependência emocional e a incapacidade de superar um amor. Interconectadas, as cenas



se comunicavam umas com as outras não apenas pelas narrativas, como também por elos temáticos, que permitiram, de maneira bastante interessante, a coerência da peça como um todo (ainda que a oscilação abrupta do tom das histórias pudesse causar algum estranhamento).

Interiores certamente não faz referência apenas ao conjunto de apartamentos ou ao espaço delimitado no palco, mas também fala dos interiores da mente e do coração humanos. Na minha opinião, não poderia haver título melhor, pois essa peça foi capaz de tocar em alguns dos espaços mais interiores do meu ser. Apesar da efemeridade do improviso, posso afirmar que essa peça ficou comigo por um tempo muito mais longo que os poucos minutos em que aquelas personagens habitaram os palcos.

*Este texto é um desdobramento prático-pedagógico da ação formativa “Introdução à crítica teatral: por uma poética do olhar”, ministrada por Guilherme Diniz (MG), como parte da programação da 35ª Semana Luís Antônio Martinez Corrêa **

Apoio:



PROEC
Pró-reitoria de Extensão
Universitária e Cultura



Programa de Pós-Graduação
em Estudos Literários

Parceria:

Realização:

Secretaria Municipal de
Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal
de Araraquara